

Prot. Nº 71

# HOMILIA CATEQUÉTICA

## Na abertura da Santa e Grande Quaresma

† **BARTOLOMEU**

Pela misericórdia de Deus Arcebispo de Constantinopla-Nova Roma  
e Patriarca Ecumênico  
à Plenitude da Igreja  
que a Graça e a Paz de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo,  
juntamente com a nossa Oração, Bênção e Perdão  
estejam com todos vós

Honorabilíssimos irmãos Hierarcas e filhos abençoados no Senhor,

Pela boa vontade e a graça do misericordiosíssimo e benevolente Deus, vivendo já o período abençoado e reverente do Triódion, entramos amanhã na Santa e Grande Quaresma, arena do jejum e da «venerável abstinência» que eliminam as paixões, durante a qual se revelam a profundidade e a riqueza da nossa Tradição Ortodoxa e o cuidado vigilante da Igreja pelo progresso espiritual dos seus filhos. Como nos recorda o Santo e Grande Concílio de Creta (junho de 2016), «a Igreja Ortodoxa, em estrita conformidade com os preceitos apostólicos, os cânones sinodais e a tradição patrística como um todo, sempre proclamou o grande significado do jejum para a nossa vida espiritual e para a nossa salvação» (A importância do jejum e sua observância hoje [§ 1]).

Na vida da Igreja, todos os assuntos têm um sólido fundamento teológico e uma referência soteriológica. Os cristãos ortodoxos compartilham da «luta comum» da ascese e do jejum «dando graças em tudo» (Tes 5:18). A Igreja convida os seus filhos a correr a corrida dos

exercícios ascéticos como caminho para a Santa Páscoa. É uma experiência central da vida em Cristo que o verdadeiro ascetismo nunca é pessimista, pois está imbuído da expectativa do deleite ressuscitador. Nossa hinologia fala da «primavera do jejum».

Neste sentido, longe das armadilhas do dualismo neoplatônico e dos esforços alienantes para «mortificar o corpo», é inconcebível que o ascetismo genuíno vise a erradicação de um «corpo maligno» em prol do espírito, ou a libertação da alma do tormento de suas correntes. Como sublinhado, *«na sua expressão autêntica, a ascese não se dirige contra o corpo, mas contra as paixões, cuja raiz é espiritual, porque o intelecto é o primeiro a cair na paixão. Assim, o corpo dificilmente é o grande oponente do asceta.»*

O empenho ascético persegue a transcendência do egocentrismo, em prol do amor que «não busca a si próprio» e sem o qual somos escravizados em nós mesmos, no «ego insaciável» e seus desejos igualmente insaciáveis. Egocêntricos, encolhemo-nos e perdemos a nossa criatividade, como se diz: *«Tudo o que damos multiplica-se; e tudo o que retemos para nós mesmos se perde.»* Por isso, a sabedoria dos Padres e a experiência da Igreja associam o período de jejum à «*efusão da misericórdia*», às boas obras e à filantropia, que são a prova da superação do amor-próprio e da aquisição da plenitude existencial.

Tal plenitude é sempre a característica da vida na Igreja. A vida litúrgica, a ascese e a espiritualidade, a pastoral e o bom testemunho no mundo são expressões da verdade da nossa fé, elementos inter-relacionados e mutuamente complementares da nossa identidade cristã, que compartilham o Reino escatológico como ponto de referência e de orientação, assim como a plenitude e a realização da economia divina. Enquanto a vida da Igreja, em todas as suas expressões, reflete e descreve o Reino vindouro do Pai e do Filho e do Espírito Santo, é o mistério da Divina Eucaristia que, acima de tudo, como bem sublinhou o recém-falecido Metropolita João de Pérgamo, de abençoada memória, «*exprime a Igreja na sua plenitude*» (*A Imagem do Reino dos Céus*), Mégara 2013, p. 59). A «*comunhão pura*», a conversão da nossa existência na da Igreja,

como participação na Sagrada Eucaristia, é o «escopo» do jejum, a «coroa» e o «prêmio» das lutas ascéticas (ver João Crisóstomo, Homilias sobre Isaías VI: Sobre os Serafins, PG 56, 139).

Hoje, numa época de dessacralização da vida, em que a humanidade «atribui grande importância a coisas inteiramente insignificantes», a nossa missão cristã é a elevação prática da profundidade existencial de nosso «tríptico de espiritualidade» ortodoxo, como unidade inseparável da vida litúrgica, do *ethos* ascético e da solidariedade, essência da revolução dos valores nos campos do *ethos* e da civilização constituídos pela fé em Cristo e pela liberdade divinamente outorgada aos filhos de Deus. Consideramos de suma importância que vivamos a Santa e Grande Quaresma como revelação e experiência do verdadeiro sentido da liberdade «para a qual Cristo nos fez livres» (Gl 5: 1).

Com estes pensamentos e sentimentos de amor e honra, desejamos-vos, digníssimos irmãos em Cristo e filhos espirituais da nossa Mãe Igreja em todo o mundo, uma marcha tranquila no terreno do jejum, invocando sobre todos vós a graça e a misericórdia de Cristo, nosso Deus, que sempre se deleita nas lutas ascéticas do seu povo. A Ele pertence o bendito e glorificado poder do Reino, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Santa e Grande Quaresma 2023

†BARTOLOMEU de Constantinopla  
Vosso fervoroso suplicante diante de Deus.